

E.C. TENÓRIO
UFRPE., CNPq.

No início do século XVII ainda predominavam as idéias e a terminologia botânica emanadas do universo Aristotélico. Não fura as publicações de Cesalpino e Jung ambos no século XVI, tudo continuaria estático dentro de uma peça dinamicamente evoluível, a Botânica.

Dos trabalhos de Cesalpino o que mais deixou evidente o enfoque taxonômico foram seus conceitos a respeito do uso de sementes e frutos como critérios discriminatórios. Sua concepção sobremaneira divergiu da aura reinante trazida pelos Herbalistas da renascença; apesar do próprio Cesalpino esposar as idéias básicas desenvolvidas por Aristóteles.

Jung primordialmente ficou vinculado à História Botânica devido à solidez de sua descrição terminológica. Suas definições botânicas prenderam-se totalmente dentro do contexto clássico, se bem que muitos dos conceitos expressos por ele foram autênticos. A interpretação morfológica de Jung inclinava-se para um mundo botânico quiçá estático, desconsiderando totalmente a tremenda mudança que os seres vivos continuamente atravessam.

No entanto, Marcelo Malpighi e Nehemiah Grew, ambos nos meados do século XVII, para início do século XVIII, constituiram-se em marcos importantes na consolidação da Anatomia Animal e Vegetal, sobremaneira, eles destacam-se, pela maior liberdade imprimida no trato científico, oferecendo assim alternativas às idéias fixistas até então predominantes advindas de Aristóteles e seus seguidores.

O pensamento de Malpighi e Grew certamente mostrou-se dispar pela visão dinâmica emprestada ao mundo vegetal. Talvez, a experiência ~~deles~~ como médicos, estimulou uma visão ontogenética dos vegetais, ou seja ~~deles~~ viam os vegetais passando por vários fases, em seu ciclo vital. Em resumo, o ponto de vista embriológico, principalmente o de Malpighi, estimulou a formação de um quadro mutável para o vegetal, tal qual ocorre entre os animais.

O esboço de uma classificação para os seres vivos, deveras, começou a materializar-se no fim do século XVII. Como um dos expoentes na consecução de tal esforço John Ray trabalhou arduamente. Seu primeiro grande postulado prendia-se à designação de grandes categorias taxonômicas para incluir as plantas e animais. Sua segunda valiosa contribuição representava um conceito de espécie, visto que este termo, englobava naquela época, várias espécies dentro dos conceitos em vigor atualmente. Ray empregou o termo espécie para indivíduos oriundos de mesmos pais, e consequentemente estabilizou sua significação, procurando aproximar-se bem mais do real sentido da palavra.

Até aquela época, apesar da inexistência de um sistema de classificação utilizável, os botânicos e zoólogos continuavam procurando incipientes contribuições científicas. Era comum a latinização dos nomes vulgares das plantas. No entanto, a falta de normas para a escrita botânica, refletia nas seguidas inconstâncias nomenclaturais.

Assim, os nomes vulgares das plantas seguidos de uma sucinta descrição diagnóstica latina, representava a maneira comum de discriminar espécies diferentes e nomear os novos táxons. Diante disso, tornava-se impraticável o uso corrente de tais agregados polinomiais como representativos nomenclaturais das espécies de então.

Ficou então a Lineu, a grande tarefa de trazer ordem a um mundo disperso. Conhecendo a descoberta do sexo nas flores por Camerarius, ele motivou-se em formar um sistema de classificação sexual capaz de ser utilizável por um número maior de indivíduos, tornando consequentemente a bibliografia daquela época em instrumentos decisivos na identificação dos seres vivos. Mas o que seria da classificação se tivéssemos que continuar usando as frases polinomiais no reconhecimento dos seres vivos? Com certeza um caos iria formando-se, à medida que as novas espécies fossem sendo acumuladas.

Sendo assim, Lineu, novamente possuído de sua elevada sagacidade científica, e capacidade de organização, criou a nomenclatura binomial, que viria a substituir as longas frases diagnosticas ligadas a cada espécie. Portanto, duas palavras substituiam várias; a primeira representava o gênero, e a outra, a espécie propriamente dita. Estava assim criado um sistema de comunicação universal, a nomenclatura binomial, que ainda hoje permite a aproximação dos cientistas das mais longínquas regiões do mundo. Esta ocorrência motivou um grande desenvolvimento e interesse na busca das plantas e animais das mais diversas partes do mundo. E novamente foi Lineu, o grande impulsor da exploração botânica nos mais dispare os ecossistemas do globo.

A nomenclatura binomial serviu também de instrumento responsável por maior excelência científica, e, o cuidado do uso da nomenclatura adequada para cada espécie. Cada binômio substituindo uma espécie, assim foi criado também o primeiro índice nomenclatural específico. Além, do binômio que representa a espécie, uma descrição dos caracteres, hábitos, distribuição geográfica, etc., foram adicionados como complemento à discriminação das plantas. A grande ambição de Lineu, contudo, era estabelecer ordem na natureza de uma maneira semelhante a que Newton criou para a astronomia.

Na sua época era conhecido o aforismo "Deus criou, e Lineu organizou". Todavia, a aspiração de Lineu de colocar cada indivíduo no seu próprio nicho era contrário aos princípios da evolução orgânica. Sua concepção de natureza encerrava uma sociedade natural formada de minerais, plantas e animais.

Ele concebia a terra possuindo uma extrema variedade de clima e relevo e povoada por uma também extensa gama de seres vivos, cada um acomodado às condições onde vivem. Além disso, ele considerava o equilíbrio da natureza como tão poderoso que nenhuma espécie jamais poderia desaparecer.

Lineu dizia que o reino mineral suportava os vegetais, os vegetais por sua vez, os animais e a terra toda representava um cenário para as atividades humanas, e sem o homem nada poderia ser completo, tal qual um corpo sem a sua cabeça.

Ele considerava a Biologia como intrinsecamente ligada ao papel de descrição de toda a produção da superfície terrestre, sua aparência, seus hábitos, as suas interrelações e usos. A alma da ciência são os métodos, dizia ele, e o método biológico mais importante é identificar cada ente vivo.

Lineu aceitava um método natural de classificação como o objetivo maior da ciência, e que a natureza havia sido criada segundo um plano e estaria sob a alçada humana descobrir tal maquinção. Era inevitável que Lineu deveria atribuir a maneira como os seres vivos foram dispostos dentro de uma estabilidade ímpar, visto que ele encarava uma origem divina para a natureza. Em sua obra "Filosofia Botânica" ele definiu espécie como tipos criados pela sabedoria divina e perpetuados do início até o fim do mundo.

Malgrado Lineu haver declarado que a natureza possuia uma ordem fixa de estruturas permanentes, contudo nas suas últimas contribuições, ele sugeriu que uma espécie bem poderia ser de origem híbrida. Na sua monumental obra Espécies Vegetais, ele chegou a especular que as "filhas do tempo" (as novas espécies) poderiam ser estimuladas pela influência do clima e geografia.

Apesar de sua grande piedade cristã e respeito pelas escrituras, sua reverência final estava com a natureza. Se bem que, quaisquer que fossem as suas convicções, o prestígio de seu nome está ligado a uma concepção estática da natureza.